

Bem-aventuradas as famílias que praticam a Palavra do Senhor

Mateus 7.24-27

24 — Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha.

25 Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e bateram com força contra aquela casa, e ela não desabou, porque tinha sido construída sobre a rocha.

26 E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que construiu a sua casa sobre a areia.

27 Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e bateram com força contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

Essas palavras foram ditas por Jesus ao término das lições que Ele ministrou para os discípulos e que ficaram conhecidas como “o sermão do monte”.

As lições a serem postas em prática pelos Seus seguidores – que foram ministradas no referido sermão –, didaticamente, podem ser divididas nos seguintes assuntos:

- 1) as bem-aventuranças (5.3-12);
- 2) o exemplo que deve ser dado pelos discípulos ao mundo (5.13-16);
- 3) como lidar com o sentimento da ira (5.21-26);
- 4) adultério e divórcio (5.27-32);
- 5) firmeza no compromisso assumido (5.33-37);
- 6) como lidar com os inimigos (5.43-48);
- 7) como ser generoso sem buscar autopromoção (6.1-4);
- 8) oração (6.5-14 e 7.7-12);
- 9) relacionamento com Deus (6.16-24 – jejum, tesouros no céu, não servir a dois senhores);
- 10) como lidar com as preocupações (6.25-34);
- 11) julgamento sobre os outros (7.1-6);
- 12) cuidado com as falsas doutrinas (7.15-20);
- 13) religiosidade (7.21-23);
- 14) a prática do que foi ensinado.

A 14ª lição é uma conclamação à prática das lições anteriores. Ele – Jesus – fez uso de uma linguagem figurada para enfatizar a prática de tudo o que acabara de ensinar. Segundo ele, ouvir e colocar em prática referidas lições seria semelhante a alguém que constrói sua casa sobre a rocha – o imóvel assim construído não sucumbe diante das intempéries.

O exemplo utilizado por Jesus pode ser aplicado, também, à formação de um lar. Famílias que se conectam com Jesus colocam em prática as lições insertas no “sermão do monte” não são poupadas do enfrentamento de dificuldades, mas não sucumbem a estes.

Assim, a primeira lição a ser aplicada num lar que quer viver em conexão com Jesus é exatamente a última: a decisão de colocar em prática a Palavra de Deus.

Muitas pessoas entendem que para que um lar seja formado da forma correta, é necessário que se ensine a Palavra de Deus desde o princípio. Não! É necessário que se coloque em prática a Palavra de Deus, pois, ao se decidir colocar em prática essa Palavra, obviamente, haverá o ensino Dela, pois ninguém pratica o que não sabe. O Ensino da Palavra (que é importantíssimo) é uma consequência da decisão de colocá-la em prática. Decidir praticar a Palavra de Deus é, nas palavras do próprio Jesus, decidir construir uma casa sobre a rocha – e arrocha é, exatamente, a Palavra.

Entendendo-se isto, tem-se que devemos nos voltar para a ordem estabelecida por Jesus na ministração daquilo que deve ser colocado em prática em nossos lares.

E a primeira das lições ministradas por ele foram as bem-aventuranças. Se observarmos, as quatro primeiras bem-aventuranças tratam do nosso relacionamento com Deus – e isto significa dizer que Deus deve ser a prioridade em nossas vidas. Antes de se buscar o sucesso material, devemos buscar o sucesso espiritual; antes de se buscar o sucesso no relacionamento interfamiliar, devemos buscar sucesso no relacionamento com Deus. Por isto Jesus iniciou as referidas bem-aventuranças conclamando seus ouvintes a serem pobres de espírito.

5.3 – Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o Reino dos Céus.

A pergunta a ser feita é: por que Jesus, ao enumerar as atitudes que demonstram que uma pessoa é feliz, colocou a referida “bem-aventurança” (pobres de espírito) em primeiro lugar? A resposta, segundo Thomas Watson – citado pelo Dr. Shedd¹, é “... para demonstrar que a humildade de espírito é a própria base e alicerce de todas as demais graças que se seguem.”, acrescentando que “Querer que frutos cresçam sem haver raiz não é diferente do que desejar todas as demais graças sem esta humildade”.

Observem que Watson usa “humilde”, ao invés de “pobre”. E isto ocorre porque há uma discussão sobre se a tradução “pobre” seria correta. O Professor emérito da cadeira de Exegese do Novo Testamento na Universidade de Londres – R. V. G. Tasker² –, anotou que “os humildes de espírito” não são ‘pobres de espírito’, como pode sugerir uma infeliz tradução”.

¹ SHEDD, Russel P. A felicidade segundo Jesus: reflexões sobre as bem-aventuranças – São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 15.

² TASKER, R. V. G. Mateus: introdução e comentário – São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 49.

No entanto, a tradução “pobre” não está errada. Pelo contrário! O termo original grego (*ptóchos*) significa, literalmente, “pobre” e, nas palavras do já citado Dr. Shedd³, “refere-se à humilde condição (ou indigência) que gera mendigos e crianças de rua.”. O Pr. Hernandes Dias Lopes⁴ ensina que *ptóchos* “descreve uma pessoa absolutamente pobre, em estado de absoluta carência.”. De se destacar, entretanto, o comentário de Shelton⁵: segundo este, as palavras em hebraico do Antigo Testamento, que foram traduzidas por *ptóchos* no grego, “esclarecem a expressão”, pois fazem “alusão a uma posição socioeconômica, mas também conota dependência de outra pessoa que pode chamá-la para prestar contas de suas ações”.

A partir daí, podemos inferir que ser pobre de espírito é depender totalmente de Deus e viver para prestar contas a Ele. Aliás, apesar da divergência em relação a outros escritores quanto à tradução do termo grego original, Watson afirma que “Eles [os pobres de espírito] são, isto sim, os que reconhecem de coração ‘ser pobres’ no sentido de não poderem realizar nenhum bem sem assistência divina e que não têm nenhum poder em si mesmos que os ajude a fazer o que Deus requer deles”.

5.4. — Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Qual a razão do choro referido por Jesus, então?

Ele se referia à natureza pecaminosa que provoca tantas desigualdades sociais; tantas reações intempestivas; o choro tem a ver com a conscientização dessa natureza depravada que temos.

Quando entendemos o quanto somos pecadores, e que a perdição eterna é a punição para essa natureza pecadora, não nos contemos. Ficamos pesarosos. O Apóstolo Paulo compreendeu bem essa natureza, tanto que quando escreveu aos Romanos, assim se pronunciou (Romanos 7-18.24):

18 Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim, mas não o realizá-lo.

19 Porque não faço o bem que eu quero, mas o mal que não quero, esse faço.

20 Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim.

21 Assim, encontro esta lei: quando quero fazer o bem, o mal reside em mim.

22 Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus.

³ SHEDD, Russel P. A felicidade segundo Jesus: reflexões sobre as bem-aventuranças – São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 15.

⁴ LOPES, Hernandes Dias. A felicidade ao seu alcance: uma exposição das bem-aventuranças – São Paulo: Hagnos, 2008, p. 19.

⁵ SHELTON James B. Comentário Bíblico pentecostal (ARRINGTON, French L. e STRONSTAD, Roger – editores), ed. 2 – Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 35.

23 Mas vejo nos meus membros outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros.

24 Miserável homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?

5 Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

O Dr. Russell Shedd⁶, escreveu que a atitude de mansidão “aponta mais na direção de uma atitude com Deus do que de uma disposição para com o próximo”, acrescentando que “Ser manso não significa ser fraco, tímido ou medroso”, pois “A mansidão genuína não pode existir sem a coragem”.

Ainda segundo o susomencionado escritor⁷, “Melhor é considerar a mansidão como a entrega da nossa vontade a Deus”.

6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos.

Em primeiro lugar, devemos ter apetite pela justiça imputada – aquela que nos justifica diante de Deus, pois, sendo pecadores, estamos destituídos da glória de Deus, Somente pela justiça do Eterno, imputada a nós, é que somos absolvidos dos nossos pecados.

Essa justiça não nos é dada por méritos nossos. Ela ocorre quando cremos que Jesus Cristo é o único que pode nos dar a salvação. A Bíblia afirma que Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado para justiça (Romanos 4.3), ou seja, por causa da fé que ele – Abraão – depositou em Deus, Este creditou àquele a salvação.

Depois, devemos ter apetite pela justiça implantada – aquela que nos faz ter uma nova vida; aquela que nos transforma dia após dia. Aquela que evidencia que somos novas criaturas; que é fruto do Espírito de Deus que habita em nós.

Sejam abençoados

⁶ SHEDD, Russel P. A felicidade segundo Jesus: reflexões sobre as bem-aventuranças – São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 15.

⁷ Idem, ibidem.